

A chancela editorial da UFG e a inflexão no impacto da obra de Cora Coralina

The editorial seal of the UFG and the inflection in the impact of Cora Coralina's work

El sello editorial de la UFG y la inflexión en el impacto de la obra de Cora Coralina



Antonio Corbacho Quintela

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil.

E-mail: corbachoq@ufg.br



Margareth De Lourdes Oliveira Nunes

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil.

E-mail: mnletrasufg@gmail.com

Resumo: Visa-se a explicar por que um livro – Poemas dos becos e Goiás e estórias mais, de Cora Coralina, demorou treze anos em ser reeditado e por que, a partir da segunda edição, em 1978, pela chancela da UFG, iniciou um processo de reedição constante – 21 edições mais – até a atualidade. Expõe-se que a intervenção da UFG marcou a inflexão no processo definitivo de canonização da produtora literária. Assinala-se, portanto, como o fator Instituição é um componente determinante do sistema literário, atuando na projeção que possa receber uma obra.

Palavra-chaves: Cora Coralina. Chancela editorial. Canonização.

Abstract : The aim is to explain why a book – Poemas dos becos de Goiás e estórias mais, by Cora Coralina, took thirteen years to be republished and why, after a reprint in 1978, by the UFG seal began a constant reprint process – 21 more editions – until today. It is exposed that this reissue by the UFG marked the inflection in the definitive process of canonization of the literary producer. It should be noted, therefore, how the Institution factor is a determining component of the literary system, intervening in the projection that a work may receive.

Keywords: Cora Coralina. Editorial seal. Canonization.

Resumén: Se pretende explicar por qué un libro – Poemas dos becos de Goiás e estórias mais, de Cora Coralina tardó trece años en ser reeditado y por qué, tras la segunda edición, en 1978, por el sello de la UFG, se inició un proceso de reedición constante – 21 ediciones más – hasta hoy. Se expone que esta intervención de la UFG marcó la inflexión en el proceso definitivo de canonización de la productora literaria. Cabe señalar, por tanto, cómo el factor Institución es un componente determinante del sistema literario, actuando en la proyección que pueda recibir una obra.

Palabras clave: Cora Coralina. Sello editorial. Canonización.

Submetido em 21 de junho de 2021.

Aceito em 14 de abril de 2022.

Publicado em 12 de setembro de 2022.

Introdutório

Em 2014, *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (doravante PBGEM), quarto livro de poemas publicado por uma mulher goiana, alcançou a sua 23ª edição, reimpressa até a atualidade. Embora ainda não tenha sido divulgado nenhum levantamento rigoroso das obras de autores goianos mais vendidas, lidas e citadas ao longo da história, pode-se asseverar que esse livro de poemas de Cora Coralina (1889-1985) é o produto literário goiano com mais exemplares no mercado, considerando a quantidade de edições e as tiragens, e assumindo que o mercado é a parte mais visível da cadeia do campo editorial (THOMPSON, 2013, p. 9-28). Essa obra de Cora constitui, com o livro de história e crítica literária *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*, de Gilberto Mendonça Teles (2020), com 20 edições entre 1972 e a atualidade, a dupla de produtos mais publicados de agentes goianos no campo literário.

Não cabe aqui delimitar e avaliar o *corpus* dos produtos canonicizados da literatura goiana. Todavia, ao fazer uma comparação de PBGEM com duas das obras mais referenciadas da literatura goiana – *Tropas e boiadas*, de Carvalho Ramos, e *O tronco*, de Bernardo Élis, fica patente que a cadeia editorial deu mais valor à primeira, pois *Tropas e boiadas*, transcorridos cem anos do seu lançamento, tem doze edições (RAMOS, 2017) e *O tronco* (ÉLIS, 2008), dez.

Desde que, em 1978, a Imprensa Universitária da Universidade Federal de Goiás – UFG publicou a segunda edição de PBGEM, a média de edições desse livro de poemas tem sido uma a cada 2 anos. No entanto, entre 1965 – data da primeira edição – e 1978 – data da segunda edição, a obra, embora tenha recebido uma determinante fortuna crítica, esteve esgotada e ficou fora de catálogo. Cumpre, conseqüentemente, observar as causas da disparidade entre a recepção gerada pela primeira edição desse livro – 1965 – e a obtida pela segunda edição – 1978.

Assim, neste artigo, como objetivo principal, visa-se a mostrar por que, em 1978, a chancela editorial da UFG e os paratextos des-

sa edição foram decisivos para acelerar o processo de canonização de um livro que 13 anos antes, apesar de haver sido lançado na cidade de São Paulo por um selo de projeção nacional – a Livraria José Olympio Editora, não tinha conseguido, contrastando com o sucedido a partir de 1978, uma significativa repercussão.

Com esse intuito, foi desenvolvida uma pesquisa em duas etapas. Na primeira, observa-se a valorização que a produtora literária e PBGEM receberam, da crítica e, especialmente, do jornalismo literário nas décadas de 1960 e 1970. Contudo, para os fins, parte-se da década de 1910, quando se começou a reconhecer o valor dos primeiros textos de Cora Coralina. Por outro lado, analisa-se como, editorialmente, foi apresentado o segundo livro da autora – *Meu livro de cordel* (doravante MLC) – com vistas a observar que juízos sobre a autora e a sua produção começavam a estar claramente consolidados a meados da década de 1970, antes do lançamento da segunda edição de PBGEM.

Na segunda etapa, estuda-se, em primeiro lugar, como foi justificado o lançamento da segunda edição de PBGEM, visando a entender que elementos contribuíram para que, com essa nova edição, a obra alcançasse o sucesso não conseguido pela primeira. Em segundo lugar, procurando desenlaçar a questão, analisam-se as imediatas mudanças havidas na valorização da escritora e da sua obra.

Este artigo focaliza, pois, o impacto causado na trajetória da produtora literária pelas duas edições da UFG de PBGEM. Considera-se, nesse sentido, o grau de incidência do fator Instituição na polissistêmica estrutura dos sistemas literários. A incidência desse fator foi destacada por Monteiro (2020) para entender, em geral, o processo de canonização de Cora. Na pesquisa em tela observam-se as consequências da intervenção da figura do editor (THOMPSON, 2013, p. 69-111; BIGNOTO, 2018, p. 51-231) na determinação do percurso seguido por PBGEM.

O *corpus* examinado foi formado pelos paratextos de todas as edições dos três livros publicados em vida de Cora – PBGEM, MLC e

Vintém de cobre: meias confissões de Aninha (doravante VC). Esses paratextos foram analisados com o auxílio das reflexões a respeito dos peritextos editoriais divulgadas por Bastos (2016, p. 109-48).

Em conclusão, neste artigo pretende-se pôr claramente em manifesto que, junto à chancela editorial, os documentos selecionados por Cora Coralina e pelos editores para constituir os paratextos das edições da UFG de PBGEM refletem o paulatino e crescente apoio do campo cultural conseguido pela escritora e determinaram a recepção que se faria da sua produção na década de 1980, marcando uma inequívoca inflexão.

Do *Anuario* de 1910 à edição de *Meu livro de cordel*

A biografia de Cora Coralina, especialmente no tocante à sua trajetória como produtora literária, foi rigorosamente elaborada por Clóvis Britto e Rita Seda (2009) em um estudo bastante documentado. A primeira biografia da escritora fora publicada vinte anos antes da pesquisa de Britto e Seda por Vicência Tahan (1989), filha de Cora Coralina. De fato, pode-se asseverar que são abundantes os discursos sobre a vida de Cora e as representações sobre ela. Mendonça Teles, em artigo intitulado “Mito e realidade literária em Cora Coralina, ou a Celebração do Celebrado” (TELES, 2018), destacou que, embora a obra dela tenha carecido de uma considerável crítica literária, aspectos da sua trajetória biográfica foram assumidos como útil matéria para construções simbólicas com diversas finalidades. Essas elaborações foram objetivadas, por Andréa Delgado (2003), como a “monumentalização de Cora Coralina como artesã e guardiã da memória, símbolo emblemático de Goiás” e, por Paula Dias (2013), como as “representações textuais-discursivas na construção do mito de Cora Coralina”.

Nesse sentido, não seria destemido enunciar que a canonização de Cora Coralina como símbolo para alguns setores dos campos sociais goianos iniciou-se, inclusive, antes da canonização da

sua produção literária. Esse processo de canonização teria começado com o comentário, aparentemente profético, registrado em 1910 por Francisco Azevedo no *Anuario histórico, geográfico e descritivo do estado de Goyaz*, quando Cora publicava os seus textos – crônicas, contos e artigos de opinião – no semanário *A Rosa* e, sobretudo, no jornal *Goyaz*. Então, ela fora definida como “a maior escritora do nosso Estado, apesar de não contar ainda vinte annos de idade”¹ (AZEVEDO, 2018, p. 13).

Essa classificação de Azevedo (2018) foi ficando, no entanto, parcialmente invalidada nas seguintes décadas devido à escassa atuação de Cora Coralina no campo literário. Contudo, apesar de residir desde o final do ano 1911 fora de Goiás e de não ter lançado nenhum livro antes de PBGEM, Cora publicou, aproximadamente, 25 crônicas e artigos de opinião durante os seguintes 45 anos em periódicos paulistas e goianos, boa parte deles referenciados por Britto e Seda (2009, p. 437-39). Esses textos permitiram-lhe conservar o seu prestígio como agente cultural. Assim, em fevereiro de 1919 continuava recebendo elogios, tal como o mostra esta apresentação em *A Informação Goyana*, periódico, impresso no Rio de Janeiro, em que ela colaborou – 6 artigos e crônicas, no total – entre esse ano e 1924: “[...] escriptora brilhante [...]. Seus trabalhos como Ipé florido, evocam sempre paisagens ou cousas da longinqua terra que ella deixou na mocidade” (CORA..., 1919, p. 3).

Em *A Informação Goyana*, em setembro de 1924 (CORALINA, 1924, p. 9), a autora publicou o artigo “Dominicaes”. Não localizamos nenhuma outra publicação de Cora Coralina em um periódico goiano entre esse artigo e o folheto *O Cântico da Volta*, lançado em 1956². Essa publicação de duas folhas, contendo uma crônica, fora impressa na Cidade de Goiás; em julho desse ano, *O Cântico da Volta* recebeu uma crítica favorável no jornal *Cidade de Goiás*, em que, além de se destacar o texto, elogiava-se a escritora: “Com o estilo vigoroso e ágil, cheio de reminiscências de um tempo que já foi e das emoções do novo encontro com a gleba mater, a crôni-

¹ Nas citações mantém-se a ortografia que consta nos textos originais.

² Não foi possível aceder a uma edição original de *O Cântico da Volta*; aqui é referido pela sua descrição no *Catálogo Bibliográfico de Goiás* (SERVIÇO..., 1966, p. 31).

ca de Cora Coralina é um hino emotivo onde as belezas de Goiás tomam colorido original e encantador sob a inspiração mágica de sua autora” (CORA..., 1956, p. 1).

Em Goiânia, durante uma estadia que se tornou o seu regresso definitivo a Goiás, sendo reconhecida como uma “famosa escritora” (BERGERAC, 1956, p. 4), Cora foi homenageada pela Associação Brasileira de Escritores no Jockey Clube. Na ocasião, foram homenageados os escritores que, nesse ano, publicaram uma obra (TELES, 2018) – no caso de Cora Coralina, *O Cântico da Volta*. A partir de então, Cora começou a publicar, com alguma regularidade, poemas em jornais goianienses. Trata-se de poemas que, posteriormente, conformarão livros da escritora, como os poemas “A Catedral de Goiás” (CORALINA, 1957a, p. 7), “Escola da Mestre Silvína” (CORALINA, 1957b, p. 5) e “Todas as Vidas” (CORALINA, 1958, p. 12), publicados no *Jornal Oió*³.

Em 1964, no primeiro livro resultante de uma pesquisa acadêmica publicado pela UFG – *A poesia em Goiás*, Mendonça Teles (1964, p. 136-37), ainda que reconheça que Cora Coralina não tinha abandonado a criação literária, assinalou que ela era mais prosadora que poeta e, considerando a trajetória da autora até então, julgou haver sido desacertada, por exagerada, a avaliação de Azevedo (2018) feita cinco décadas antes.

Um ano após essa crítica de Teles (1964), foi lançado PBGEM. Junto a PBGEM a José Olympio lançou outros dois livros de poemas, *Mundo no abandono* (VIEIRA, 1965) e *É outro o meu destino* (BEZERRA, 1965). No carioca *Diário de Notícias*, Raul Lima, aos 31 de outubro de 1965, escreveu a nota “Poesias em J. O.”, em que informa do lançamento das três obras por essa chancela; destacou o seguinte do livro de Cora Coralina: “ótimos poemas, muitos de sabor folclórico, de Cora Coralina, que faz história e sociologia com ritmo” (LIMA, 1965, p. 2).

Frente aos outros dois livros, o de Cora destaca pela austeridade na sua editoração; foi impresso como uma brochura com uma

³ Os dois primeiros fizeram parte de PBGEM e “A Catedral de Goiás” incorporou-se ao livro póstumo *Villa Boa de Goyaz*, de 2001.

capa básica. Recebeu, ao igual que os outros dois, uma apresentação nas abas, intitulada “Cora Bretas – Cora Coralina, miniaturista de mundos idos, que assim ela eterniza”, de J. B. Martins Ramos⁴, jornalista encarregado da edição de PBGEM por Antônio Olavo, diretor da José Olympio em São Paulo. Trata-se de uma apresentação que, com a exceção da edição do Círculo do Livro de 1987 (CORALINA, 1987), tem sido mantida até a 23ª edição, de 2014, o qual denota o apreço que Cora Coralina teve por esse paratexto.

As dificuldades para conseguir uma editora que aceitasse publicar PBGEM e os motivos pelos quais a obra saiu com a chancela da José Olympio foram expostos por Tahan (1989, p. 137-44) e Britto e Seda (2009, p. 269-78); além disso, Mouzar Benedito e Mario Pires (1977, p. 17) informaram que Cora, em entrevista, lhes dissera que tivera que assumir os custos da edição. Nas biografias elaboradas por Tahan (1989) e Britto e Seda (2009) narra-se a importância da intervenção de Tarquínio de Oliveira para que ela se decidisse a publicar essa obra. Por sua vez, Britto e Seda (2009) reconstroem como aconteceu o lançamento do livro na Cidade de Goiás e em Goiânia, assinalando que, apesar do apoio que a poeta recebeu do Grupo de Escritores Novos – GEN, ela, decepcionada, concluíra que em Goiás não era suficientemente reconhecida e que, portanto, valia mais a pena se dedicar a produzir e vender doces na sua casa da antiga capital.

Em contraste com a, relativamente, escassa repercussão tida pela obra, mostrada nas poucas notas, resenhas e comentários críticos publicados na imprensa do Sudeste, houve um periódico do Distrito Federal, o *Correio Braziliense* (doravante CB), que, um ano após a sua fundação em 1960 e, portanto, anos antes do lançamento do primeiro livro de Cora, publicou um texto bastante laudatório da sua personalidade, do seu modo de vida orientado a proteger tradições na antiga capital e do seu labor literário. Na seção Sociais de Brasília, Katucha – Talita de Abreu, colunista social desse diário, reuniu em uma breve notícia os traços do Turismo na

⁴ João Benedito Martins Ramos exerceu como jornalista na cidade de São Paulo. O seu texto mais reproduzido é a sua crítica nas abas da primeira edição de PBGEM.

Cidade de Goiás que estarão vinculados à produtora literária nas seguintes décadas: a casa no rio Vermelho, a figura entranhável de mulher literata interiorana, a evocadora beleza vilaboense e a opção de fazer turismo nessa cidade para conhecer a hospitalidade da casa da escritora:

E para terminar, um riozinho preguiçoso e límpido com areias alvas para se tomar sol, e ali, na esquina, perto do hotel ao lado de uma ponte centenária tomamos um cafezinho feito na hora, na casinha singela de dona Cora Coralina, sertaneja meiga e acolhedora, que nos contará lendas da velha Goiás, nos seus poemas arrancados de coração generoso entre uma saudade e outra... (KATUCHA, 1961, p. 9).

Depois dessa nota de Katucha, no CB, nas décadas de 1960 e 1970, foram publicados 44 textos sobre Cora Coralina, o qual faz com que o CB seja o periódico não goiano que mais notícias divulgou sobre a escritora nessas duas décadas⁵. Inclusive, Oliveira Freitas (1965, p. 20) informara do lançamento de PBGEM na matéria “Notas sôbre ‘poemas dos becos de goiás e estórias mais””.

Um dos textos do CB – “Cora Coralina, professora de existência”, de Oswaldino Marques⁶ (1970, p. 7), datado aos 26 de junho de 1970, aborda os poemas do primeiro livro de Cora da perspectiva da crítica literária. Junto ao texto das abas da edição de 1965 redigido por Martins Ramos, a crítica de Marques passará a estar presente em todas as novas edições de PBGEM.

As outras notícias do CB informam dos convites que recebia a produtora literária para ler poemas, da importância do labor dela para salvaguardar a identidade vilaboense, das visitas, na sua casa da ponte, de escritores, jornalistas e diplomatas e da qualidade dos seus doces. Nesses textos fica, inclusive, patente o reconhe-

⁵ Esses textos estão disponíveis na Biblioteca Nacional. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/4095. Acesso em: 12 maio 2021.

⁶ Oswaldino Marques (1916-2003), poeta, ensaísta e tradutor, era professor de Teoria da Literatura da UnB quando foi lançada a primeira edição de PBGEM.

cimento de que Cora era objeto por parte de agentes do campo da cultura nacional, como Paulo Autran (NETTO, 1969, p. 19), Tom Jobim (NOTÍCIAS GOIANAS, 1971, p. 22) ou Rachel de Queiroz (LITERATURA, 1972, p. 18). Em 1974, também nesse diário, publicou-se uma resenha sobre o documentário “Vila Boa de Goyaz”, de Wladimir Carvalho (CINEMA, 1974, p. 18), em que participa Cora Coralina, pois se observava que o seu depoimento constituía a “memória viva da cidade de Goyaz”.

Na imprensa goiana – no diário *O Popular*, foi publicado o primeiro ensaio de crítica centrado exclusivamente nos poemas de PBGEM. Trata-se do texto “O universo imaginário de Cora Coralina”, de Wendel Santos, professor da UFG, incorporado como capítulo ao livro *Crítica sistemática* (SANTOS, 1977, p. 87-92). Nesse texto, Santos (1977) analisa só os 24 poemas do livro de Cora Coralina, sem necessidade de aludir de um modo explícito à biografia da escritora.

Wendel Santos fez parte da primeira Comissão Editorial da Editora UFG, ou seja, do selo editorial responsável pela terceira edição da obra. Todavia, não há paratextos de Santos nem na segunda nem na terceira edição. Os dois paratextos que, desde 1978 – ano da segunda edição – até a atualidade, têm permanecido nas edições da obra foram redigidos em relação à primeira edição e são a apresentação de Martins Ramos – “Cora Bretas - Cora Coralina, miniaturista de mundos idos, que assim ela eterniza” – e a crítica de Marques – “Cora Coralina, professora de existência”. Isso significa que, para a poeta e para os detentores dos direitos autorais, a valorização da obra havida no segundo lustro de década de 1960 transmitia a interpretação que devia permanecer.

A edição goianiense de *Meu livro de cordel: poemas e crônicas*

Em 1969, Medeiros Netto⁷, no CB, escreveu o seguinte: “A poetisa Cora Coralina, da cidade de Goiás, está com seu segundo livro de versos pronto para entrar no prelo. Vai chamar-se ‘Estórias da Casa Velha da Ponte’” (NETTO, 1969, p. 19). Durante 16 anos anunciou-se que os originais da obra *Estórias da Casa Velha da Ponte* (doravante ECVP) estavam prontos para serem editorados. Esse iminente lançamento fora informado, também no final da década de 1960, em *Súmula da Literatura Goiana*, de Augusto Goyano e Álvaro Catelan (1970), o primeiro manual de literatura goiana destinado ao Ensino Médio.

Embora seja provável que a obra ECVP estivesse pronta para ser impressa no final da década de 1960, o seu lançamento só aconteceu em dezembro de 1985, após a morte da escritora. No CB, em 1974, comunicou-se, no entanto, que a seguinte obra de Cora Coralina não seria ECVP, mas “meus poemas de cordel”: “Mergulhada no interior de sua casa às margens do Rio Vermelho, a escritora Cora Coralina fez versos e doces. Nascida em Goiás, residiu em São Paulo e voltou a Goiás onde escreveu e pretende reeditar dois livros ‘meus poemas de cordel’ e ‘poemas dos becos de Goiás’” (GOIÁS..., 1974, p. 35).

A obra que seguiu a PBGEM foi, finalmente, *Meu livro de cordel: poemas e crônicas*, em 1976. Trata-se do primeiro livro publicado por Cora em Goiânia. A chancela editorial foi a P. D. Araújo – Livraria e Editora Cultura Goiana, um selo que, na atualidade, seria enquadrado entre as editoras independentes (LÓPEZ WINNE; MALUMIÁN, 2016). A edição de MLC pela Cultura Goiana foi a única dessa obra publicada em vida da autora; falecida Cora, a segunda edição, de 1987, saiu pela Global, editora que, até 2020 – 18. ed., seguiu publicando a obra. A capa dessa primeira edição foi de Ma-

⁷ O Padre Medeiros Netto (falecido em 1992), historiador e jornalista, era, desde 1967, deputado da ARENA, Congresso Nacional, pelo estado de Alagoas.

ria Guilhermina⁸, quem também se encarregará da capa da segunda e da terceira edições de PBGEM e das ilustrações das edições de VC pela UFG; ou seja, a partir de 1976 e até 1985, essa artista plástica será a principal ilustradora das obras de Cora.

Na folha de rosto, abaixo do nome da autora, assinala-se, entre parênteses, que ela é “Da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás”, da qual fora membro fundador em 1970 (ACADEMIA... 2021). Essa honraria só será ressaltada nessa edição; por sua vez, essa incorporação da autora à Instituição inaugura um processo que se acelerará no seu último lustro de vida.

Outro traço distintivo desta edição são as dedicatórias; a obra é dedicada a 22 pessoas. Antes do sumário, há uma “Nota do Editor” (CORALINA, 1976, p. 94) em que se anuncia ECVF como próximo lançamento da P. D. Araújo, o qual nunca aconteceu.

Por outro lado, ambas as orelhas são ocupadas por um texto de Álvaro Catelan, intitulado “De pedra foi o meu berço”. O foco desse discurso é mais a produtora que o produto literário. De Cora, salienta: “Existe em Cora, não apenas uma alma de poeta. Existe nela algo além da poesia, que é a grandeza de mulher desafiando o tempo, e formando em torno de si a poesia e o mito” (CORALINA, 1976, Orelha do livro). Salienta que ela, possuidora de “poesia natural”, é uma visita obrigatória, na Casa Velha da Ponte, para os que passam pela Cidade de Goiás e querem se deleitar com as histórias fantásticas que ela, com naturalidade, emoção e sensibilidade, conta, podendo, assim, receber as lições sobre o cotidiano que ela transmite.

Por sua vez, o texto da 4ª capa é, provavelmente, um erro. É assinado pelo jornalista e poeta Paulo Bomfim⁹, quem, provavelmente por erro, se refere, como se segue, a uma nova edição, inexistente em 1976, de PBGEM em vez de a MLC: “A Poesia de Cora Coralina é terra que se faz alma. Becos de Goiás e Estórias Mais (sic) é uma nova edição de um livro que traz a mensagem de uma

⁸ Maria Guilhermina, artista plástica, foi co-fundadora do Instituto de Artes da UFG – atual Faculdade de Artes Visuais. Compôs dezenas de capas de livros publicados em Goiás entre as décadas de 1960 e 1990.

⁹ Paulo Lébeis Bomfim (1926-2019), jornalista e poeta, era membro da Academia Paulista de Letras quando foi publicado MLC.

das maiores poetisas da língua portuguesa” (CORALINA, 1976, Ore-
lha do livro).

Em 2020, MLC alcançou a 18ª edição, mas, em vida da autora, o primeiro livro dela publicado em Goiânia só teve uma edição. Quando, em 1987, a Global publicou a segunda edição, retirou o subtítulo “poemas e crônicas” e inseriu uma nota sob o rótulo “Advertência”, ressaltando que, segundo o critério dos novos editores, a P. D. Araújo era uma editora incapaz de conseguir projeção nacional para a obra: “Este livro foi inicialmente publicado em 1976, numa edição restrita, em Goiás, por P. D. Araújo e, durante alguns anos, permaneceu esgotado” (CORALINA, 1987, p. 6). Nessa nota indica-se também que foram retirados “alguns textos em prosa”; na verdade foram retiradas todas as crônicas, 8, no total. Além disso, o número de poemas acrescentados é 7 – na primeira edição, o número de poemas era 26. Dessa forma, MLC passou a ser um livro unicamente de poemas.

Os paratextos da edição de 1976 de MLC deram continuidade à apreciação da produção literária de Cora, iniciada em 1965, após a publicação de PBGEM, contribuindo a consolidar essa recepção. Os jornalistas Mouzar Benedito e Mário Pires (1977, p. 17), poucos meses após o lançamento desse segundo livro de Cora Coralina, em entrevista-reportagem no semanário carioca *Movimento*, mostraram que essas impressões sobre produtora e produto eram estáveis. O lide dessa matéria assinala os tópicos relativos às imagens e representações associadas a Cora, as quais, transcorrida uma década do lançamento de PBGEM, se foram firmando sem contestação: “Os melhores doces de Goiás? Procure Cora Coralina. Os melhores poemas? Também é com ela. Cora Coralina é pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, da velha cidade de Goiás, sabedora de sua história e contadora de suas estórias” (BENEDITO; PIRES, 1977, p. 17).

Nessa reportagem vincula-se Cora Coralina à salvaguarda da memória da Cidade de Goiás e à casa onde ela morava, merecedora de visitas para contemplar o conjunto casarão-ponte-rio, ouvir as estórias da proprietária e comprar os seus doces. Todavia, na

reportagem são apontadas questões importantes para entender o percurso que a produtora literária seguirá nos seguintes anos, até o seu falecimento. Em primeiro lugar, Cora revela como custeou a publicação de PBGEM: “E foi a poesia que a tornou conhecida. Seu primeiro livro ‘Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais’, só foi publicado em 1965, pela José Olympio, tendo custado a ela uma casa que tinha no interior” (BENEDITO; PIRES, 1977, p. 17). Nesse sentido, ela revela por que demorara tanto em lançar o seu segundo livro e mostra o mal-estar que lhe tinha causado a intervenção do editor ao censurar um poema dela e suprimir um paratexto escrito especificamente para MLC:

Os doces davam dinheiro mas nunca conseguiu, com suas economias, alcançar o preço das editoras que – segundo ela – sobe verticalmente. Então apareceu o senhor Paulo Araújo, da Livraria e Editora Cultura Goiana, que publicou em 1976 “Meu Livro de Cordel”, de poemas e crônicas. Só que “suprimiu o melhor poema que eu tinha para este livro. Suprimiu arbitrariamente, sem me consultar. E suprimiu também prefácio que ele tinha pedido em meu nome para um escritor amigo, de Goiânia”.

O poema foi suprimido, por mero preconceito do editor. Ele foi escrito com uma contribuição ao ano internacional da mulher, que foi em 1975, e se chama “Mulher da Vida” (BENEDITO; PIRES, 1977, p. 17).

O depoimento de Cora Coralina, na citação acima, esclarece, pois, por que ela não publicou mais pela Livraria e Editora Cultura Goiana e por que, em vida da escritora, não houve novas edições de MLC. O poema ao que se refere a escritora – “Mulher da Vida” – foi incorporado à segunda edição de PBGEM (CORALINA, 1978, p. 148-50); todavia, não é possível indicar qual era o prefácio suprimido ao que se referiu Cora Coralina. A reportagem de Mouzar Benedito e Mário Pires termina com a apresentação de uma reclamação, em favor de si, de Cora Coralina, explicitando

que ela queria, por méritos e idade, ser objeto de visível e imediato reconhecimento institucional e de premiações. À pergunta dos jornalistas de se ela se considerava merecedora do prêmio de “Intelectual do Ano” concedido, em Goiânia, no final de 1976, pelo “Grêmio Lítero-Teatral Carlos Gomes”, Cora Coralina, “consciente da sua importância no contexto goiano” (BENEDITO; PIRES, 1977, p. 17), respondeu:

Não fizeram favor nenhum. Eu venho comparecendo à literatura do meu estado desde a idade de 14 anos. Então eu digo: as outras todas que escrevem têm muito tempo de vida para receberem homenagens, mensagens e diplomas. Eu estou no fim da picada! Vocês não fizeram nada mais do que uma justiça! Se eu não dei brilho à literatura goiana, também não a deslustrei, não a comprometi. (BENEDITO; PIRES, 1977, p. 17).

Esse anelo da agente cultural, reclamando merecidas “homenagens, mensagens e diplomas”, será realizado a partir de 1978 até o ano da sua morte. Desde a publicação, em 1978, da segunda edição de PBGEM, a Instituição não parará de, além de favorecer a produção literária da agente, reconhecê-la com todo tipo de premiações e destaques.

O reconhecimento institucional

Tem sido repetido em diversos discursos (TAHAN, 1989, p. 150; PESQUERO, 2003, p. 77; FREITAS, 2004, p. 64; BRITTO; SEDA, 2009, p. 381-89; MONTEIRO, 2020, p. 52-3), ao longo das últimas três décadas, que tanto a carta remetida por Carlos Drummond de Andrade a Cora Coralina, do Rio de Janeiro a Goiânia, aos 14 de julho de 1979, quanto o artigo de Drummond – “Cora Coralina, de Goiás”, divulgado no *Jornal do Brasil* (DRUMMOND, 1980, p. 25), foram decisivos para tornar a produtora literária goiana nacional-

mente conhecida e para acelerar o seu reconhecimento institucional. Desde a terceira edição, essa carta vem sendo reproduzida na íntegra em todas as edições de PBGEM como um paratexto que funciona como aval do mérito da autora e como a certidão da qualidade dos seus poemas.

Essa carta foi possível porque a direção da Imprensa Universitária (doravante IU) da UFG remetera ao escritor um exemplar da segunda edição de PBGEM. Constituía procedimento mercadológico entregar exemplares de cada nova publicação a uma relação de agentes sociais com vistas a tentar procurar impacto mediante a críticas, resenhas, crônicas etc. que pudessem difundir esses agentes. No Centro Editorial e Gráfico da UFG, sucessor da IU, não se conserva o dossiê com o processo que desembocou na publicação da segunda edição, de 1978, de PBGEM. Contudo, nos agradecimentos inseridos nessa segunda edição, ficam assinaladas as quatro pessoas cuja intervenção deve haver sido decisiva para que a nova edição fosse possível:

Esta 2ª edição é também oferecida ao Dr. Paulo de Bastos Perillo, ex-Reitor da Universidade Federal de Goiás, que a patrocinou. A autora agradece as professoras Maria Guilhermina e Silvia Alessandri Monteiro de Castro, que tomaram todas as iniciativas para que houvesse a 2ª edição deste livro, e ao atual Reitor da UFGO Prof. José Cruciano de Araújo, por ter-lhe dado continuidade. (CORALINA, 1978, p. 13).

A reclamação de reconhecimento que transmitira Cora Coralina em 1977 a Mouzar Benedito e Mário Pires, como mostrado acima, começou a ter consequências quase imediatas. Poucos meses depois dessa queixa, a principal Universidade do estado de Goiás reeditava um livro de poemas lançado 13 anos antes, mantendo, como texto das abas, o único paratexto crítico da edição de 1965 – “Cora Bretas - Cora Coralina”, de Martins Ramos – e acrescentando, como Prefácio, a crítica “Cora Coralina, professora de existência”,

publicada em 1970 por Marques no CB. Aos vinte e quatro poemas da primeira edição foram acrescentados sete, o qual, junto a uma diferente diagramação, fez com que um livro de menos de 90 páginas passasse a ter 154.

Distintivamente, frente às imprensas de outras universidades federais, a imprensa da UFG, desde o ano da sua fundação – 1962, tinha se caracterizado por publicar livros de criação literária de escritores do estado. Isto é, era normal que a IU publicasse, sem custo para os autores, livros de poesia ou narrativa; a dificuldade residia em conseguir que a Reitoria da UFG aceitasse publicar a obra.

A IU, entre 1962 e 1978, nunca teve Conselho Editorial; os agradecimentos plasmados por Cora Coralina indicam, pois, as pessoas que, na compreensão da produtora literária, acabaram, de fato, fazendo chegar a autorização para a impressão à tipografia da Universidade, em uma provável tiragem de mil exemplares. São mencionados dois reitores da UFG, pois a confecção da tiragem na gráfica começou no final do reitorado de Paulo Perillo e foi completada no início da gestão de José Cruciano. A Profa. Maria Guilhermina também constou nos agradecimentos; ela, docente do Instituto de Artes da UFG e colega de Cora Coralina na Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás – AFLAG, marcou a distinção no visual dessa edição a respeito da edição de 1965, pois, além de ilustrar a capa com o desenho Beco de Vila Rica, fez três desenhos para o interior da obra, criando um grande contraste com a primeira edição, sem desenho na capa e sem ilustrações. A menção da Profa. Silvia Alessandri, da Faculdade de Educação da UFG, mostra o reconhecimento de Cora a uma intermediadora perante a Universidade; a Profa. Silvia Alessandri fará um discurso, intitulado “Um privilégio e uma oportunidade”, para o lançamento da segunda edição, aos 16 de maio de 1978, nessa Faculdade da UFG, que será incorporado aos paratextos da obra na terceira edição. Esse discurso de Silvia Alessandri permite saber qual foi a entidade que intercedeu perante o reitorado da UFG para que a produção da segunda edição fosse autorizada:

O Departamento de Práticas Educacionais e a ilustre Diretora da Faculdade de Educação, Profa. Nancy Ribeiro de Araújo e Silva, percebendo a significativa mensagem contida nas obras da consagrada escritora CORA CORALINA, houveram por bem solicitar ao então Magnífico Reitor, Prof. Paulo de Bastos Perillo, a reedição de um de seus livros – POEMAS – Dos Becos de Goiás e Estórias Mais.

[...] Divulgar o acervo cultural do Estado é ação digna de louvor e reconhecimento. Aos Magníficos Reitores e à Imprensa Universitária por este ato, nossa gratidão. (CORALINA, 1980, p. 17-19).

Não havendo conselho ou comissão editorial, cabia a docentes da UFG agir como editores *ad hoc* dos trabalhos que eles julgavam conveniente publicar e em prol dos quais intercediam perante a Reitoria da Universidade na procura da autorização para poder levar esses trabalhos à IU.

Todavia, a terceira edição da obra, com mais quatro poemas em relação à segunda¹⁰, marca o início da inserção definitiva da escritora no centro do sistema literário brasileiro. Essa edição conferiu à obra as características de uma publicação contemporânea, pois a edição contou, por primeira vez, com ficha catalográfica e ISBN e com Comissão Editorial, da qual, entre outros, faziam parte os professores Maria Guilhermina e Wendel Santos. Essas novidades deveram-se a que a IU se transformara em Editora da UFG, o qual fez com que, como Nota de Editora, se inserira uma justificativa da terceira edição, justificativa institucional ausente na segunda edição:

A reedição da obra *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* pela Editora da Universidade Federal de Goiás é uma homenagem aos setenta anos de contribuição da autora à vida cultural regional, onde seus versos estão impregnados dos objetos imediatos e caseiros, das vivências interioranas, sem cair no folclo-

¹⁰ A terceira edição fixou o corpus de *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* – 35 poemas. Posteriormente, a esse corpus de poemas foi acrescentado uma estória intitulada Nota (CORALINA, 2014, p. 75-78).

rismo, mas sempre universalizando esta região agressiva e ao mesmo tempo hospitaleira, que é Goiás. (CORALINA, 1980, p. 5, grifo do autor).

A terceira edição de PBGEM não foi o primeiro livro de poesias publicado pela recém-fundada Editora da UFG após a reconversão da IU. Meses antes, nesse ano – 1980, fora lançado, com capa de Maria Guilhermina, *Vôo cego*, de Darcy França Denófrio (1980), quem também recebeu uma carta com elogios à obra de parte de Carlos Drummond, reproduzida na quarta capa da segunda edição, de 2013. Curiosamente, esse livro, publicado meses antes da nova edição de PBGEM, recebeu em 1981 o Prêmio Cora Coralina, outorgado pela UBE-Goiás¹¹. Frente à segunda edição de PBGEM, apresentada como obra avulsa da IU, a terceira foi incorporada como o volume 9 da Coleção Documentos Goianos da Editora da UFG, coordenada por Gilka V. F. Salles, membro da Comissão Editorial. A terceira edição de PBGEM manteve os textos de Martins Ramos e de Marques e acrescentou o discurso proferido no lançamento da segunda edição, em 16 de maio de 1978, de Silvia Alessandri, acima referido, e o texto intitulado “Lição de vida”, da Profa. Lena Castelo Branco, em cujo início também é justificada a decisão da UFG de reeditar a obra:

Este é um momento de alegria e festa, quando, por iniciativa do ex-Reitor Prof. Paulo de Bastos Perillo – prosseguida e concretizada na gestão do atual Reitor, Prof. José Cruciano de Araújo – vem a lume, sob os auspícios da Universidade Federal de Goiás, a 2ª edição de POEMAS – Dos Becos de Goiás e Estórias Mais, de Cora Coralina.

A alegria faz-se presente entre a comunidade de escritores, de professores e de alunos, de todos quantos se confessam amantes da poesia na sua expressão maior em terras goianas: a poesia repassada de força telúrica e de lirismo que se expressa na arte de Cora Coralina. (CORALINA, 1980, p. 13).

¹¹ Esse prêmio foi o primeiro que recebeu o nome “Cora Coralina”. Desde 1981, tem havido com esse nome, aproximadamente, uma dezena de prêmios, sobretudo prêmios literários, auspiciados por diversas entidades.

Na terceira edição, três poemas de homenagem a Cora Coralina (“Cora Coralina”, de Célia Siqueira Arantes; “Poema a Cora Coralina”, de Circe Camargo Ferreira; “Poema com açúcar”, de Heitor Rosa [CORALINA, 1980, p. 21-26]) foram acrescentados aos paratextos. Foi também revisto e aumentado o esclarecimento intitulado “Ressalva”, presente desde a primeira edição; essa nova versão do texto “Ressalva” será mantida até a, por enquanto, última edição, de 2014. O texto “Ressalva” funciona como um esclarecimento da autora em relação ao gênero da sua escrita; todavia, pode gerar, simultaneamente, confusão entre leitores e crítica, pois Cora nega que os seus poemas sejam poesia, qualificando-os de “Um modo diferente de contar velhas histórias” (CORALINA, 1980, p. 31).

Na quarta capa da terceira edição foi reproduzida, fac-similarmente, a carta que Carlos Drummond enviara a Cora como consequência de haver lido a segunda edição da obra. A dedicatória da segunda edição aparece, na terceira, transformada em um texto intitulado “Duas palavras especiais” (CORALINA, 1980, p. 30), também mantido até a atualidade, em que a autora expressa que acreditava que o seu livro era transcendente e passava a estar canonizado: “[...] esta obra surge enriquecida inclusive em nova roupagem gráfica, incorporando-se à coleção documentária capaz de consistir num marco desta época, a fim de cumprir relevante papel a serviço do futuro” (CORALINA, 2014, p. 21).

Na edição de 1980 de PBGEM, foi também inserido o texto “Este livro” (CORALINA, 1980, p. 29), mantido nas seguintes edições (CORALINA, 2014, p. 23-24). Nele, Cora deixa transparecer que imagens construídas em torno a si e ao seu livro ela gostaria que ficassem consolidadas. Cora expressa a sua convicção de que o seu livro estava destinado a ter alcance universal – “ao alcance de crianças, jovens e adultos”; assim, deveria ter confecção popular – “sempre em brochura”¹², elaborado “por mãos operárias”, “sempre encontrado em bancas populares e em balcões de livrarias” – e

¹² A exceção foram as impressões da obra feitas para o Círculo do Libro entre 1987 e 1989.

ter um efeito revolucionário, podendo chegar à “alma sertaneja”, aos “enxadeiros e boiadeiros”, às “mulheres marcadas de luz vermelha” e ao “Presidiário”. Em consequência, ela intui que PBGEM perdurará no tempo:

Com o tempo, lido, relido e trelido, rabiscado, amassado, arrancadas suas folhas, seja, num dia de faxina geral, num auto de arrumação e limpeza, lançado numa fogueira e calcinado no holocausto das chamas.

Vai, meu pequeno livro. Que possa sobreviver à autora e ter a glória de ser lido por gerações que não de vir de gerações que vão nascer. (CORALINA, 1980, p. 29).

Finalmente, Cora Coralina mostra a sua satisfação, inclusive com entusiasmo, acerca do encaminhamento que recebeu o seu livro. Frente às palavras de reivindicação de reconhecimento registradas na entrevista que Mouzar Benedito e Mário Pires fizeram à escritora em 1977, no texto “Este livro” ela expressa que, com a nova edição da obra e os efeitos obtidos por essa terceira edição, a transcendência por ela almejada estava garantida. Não se trata de que a obra recebesse novas leituras e, em decorrência delas, obtivesse novas críticas; a autora parecia concordar com a crítica de Martins Ramos, de 1965, e com a de Marques, de 1980. A autora tinha demandado o envolvimento do, na terminologia polissistêmicas, fator Instituição e esse anseio, para a projeção e exaltação da sua obra, e dela mesma, começou a ser definitivamente materializado com as duas edições de PBGEM geradas pela UFG.

Na quarta edição de VC, em 1987, a primeira edição desse livro lançada após o falecimento de Cora Coralina e a última de uma obra dela feita pela Editora da UFG, foi inserido o texto “Dados biográficos da autora” (CORALINA, 1987, p. 9-11), elaborado por Elder Camargo dos Passos. Na seção “Publicações, Participação, Prêmios, Condecorações e Homenagens”, dos 30 itens relacionados,

23 são posteriores ao lançamento da segunda edição de PBGEM pela IU da UFG.

No seguinte reitorado, da Profa. Maria do Rosário Cassimiro, a UFG continuou apoiando a criação literária de Cora Coralina e seguiu contribuindo ao seu reconhecimento. Aos 15 de agosto de 1983, a editora da Universidade lançou o seu seguinte livro – VC (CORALINA, 1983) – e, três dias depois, outorgou-lhe o título de Doutora *Honoris Causa*. VC recebeu, em quatro anos, quatro edições da Editora UFG¹³; na capa da segunda edição de VC indicou-se, do lado do nome da autora, que ela era “a intelectual do ano de 1983” devido ao Troféu Juca Pato recebido em 20 de junho de 1984 por Cora na sede da UBE em São Paulo¹⁴.

No *Anuario* de 1910, citado no começo deste artigo, Cora Coralina, muito jovem e com escassa obra, fora qualificada como “um dos maiores talentos que possui Goiaz”. Para ela, no final da década de 1970, tinha ficado patente que um sistema literário não era só constituído pelas relações entre autores, obras e leitores. Ciente de que a sua projeção como produtora literária e como intelectual dependia também dos efeitos que poderia gerar o reconhecimento explícito por parte de agentes e instâncias do campo cultural, Cora Coralina reclamou para si esse reconhecimento. Alguns professores em três reitorados da UFG atenderam o reclamo e fizeram possível que PBGEM e VC fossem publicados com o selo da Universidade, obtendo-se, com isso, um grande impulso para o reconhecimento do mérito de escritora. Cumprida a missão, as obras da Cora Coralina não precisavam mais do aval de uma chancela universitária; em 1983, PBGEM, mantendo os paratextos de segunda edição, de 1980, da Editora UFG, recebeu uma quarta edição por parte de Global Editora, de São Paulo, chancela que, desde 1987, edita todas as obras da autora.

¹³ Em 2020 foi reimpressa a 10 ed. de VC, pela editora Global, que edita a obra desde a 4. ed.

¹⁴ O “Intelectual do Ano 82”, para a UBE, fora Carlos Drummond de Andrade e o do “Ano 84” seria Fernando Henrique Cardoso.

Referências

ACADEMIA FEMININA DE LETRAS E ARTES DE GOIÁS. **Acadêmica**. Disponível em: <https://www.aflag.com.br/academicas/8-cora-coralina>. Acesso em: 16 jun. 2021.

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos (Org.). **Anuario historico, geographico e descriptivo do Estado de Goyaz**. 2. ed. Goiânia: Editora UFG, 2018.

BASTOS, Laísa Marra de Paula Cunha. Peritextos Editoriais. *In*: BASTOS, Laísa Marra de Paula Cunha. **Fetichismo neo-orientalista**: o problema da autorrepresentação do subalterno e as autobiografias de mulheres muçulmanas. Goiânia: Editora UFG, 2016. p. 109-48.

BENEDITO, Mouzar; PIRES, Mário. **Movimento**: Cena Brasileira; Subúrbio Carioca, Rio de Janeiro, 11 abr. 1977. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/318744/1917>. Acesso em: 09 jun. 2021.

BERGERAC, Cirano de. Gente bem. **Jornal de Notícias**, Rio de Janeiro, 31 maio 1956. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/843687/536>. Acesso em: 09 jun. 2021.

BEZERRA, Paula Senhorinha Alves. **É outro o meu destino**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

BIGNOTTO, Cilza Carla. Formação de autores e de editores no Brasil. *In*: BIGNOTTO, Cilza Carla. **Figuras de autor, figuras de editor**: as práticas editoriais de Monteiro Lobato. São Paulo: Editora Unesp, 2018. p. 51-231.

BRITTO, Clóvis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina**: raízes de Aninha. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2009.

CATELAN, Álvaro; GOYANO, Augusto. **Súmula da Literatura Goiana**. Goiânia: Livraria Brasil Central Editôra, c. 1970.

CINEMA. **Correio Braziliense**, Brasília, 31 out. 1974. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/54165. Acesso em: 09 jul. 2021.

CORA CORALINA. **A informação Goyana**, Rio de Janeiro, 15 fev. 1919. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/176648/565>. Acesso em: 09 jun. 2021.

CORA CORALINA. **Cidade de Goiás**, Goiás, 22 jul. 1956. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800139x/2238>. Acesso em: 09 jun. 2021.

CORALINA, Cora. Dominicaes. **A informação Goyana**, Rio de Janeiro, set. 1924. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/176648/1799>. Acesso em: 09 jun. 2021.

CORALINA, Cora. **Poemas – Dos Becos de Goiás e Estórias Mais**. São Paulo: José Olympio, 1965.

CORALINA, Cora. A Catedral de Goiás. **Jornal Oiô**, Goiânia, fev. 1957a. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/843997/7>. Acesso em: 09 jun. 2021.

CORALINA, Cora. Escola da Mestra Silvina. **Jornal Oió**, Goiânia, jul. 1957b. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/843997/45>. Acesso em: 09 jun. 2021.

CORALINA, Cora. Todas as Vidas. **Jornal Oió**: Suplemento, Goiânia, mar.-maio 1958. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/843997/106>. Acesso em: 09 jun. 2021.

CORALINA, Cora. **Meu Livro de Cordel**. Goiânia: P. D. Araújo – Livraria e Editora Cultura Goiana, 1976.

CORALINA, Cora. **Poemas – Dos Becos de Goiás e Estórias Mais**. 2. ed. Goiânia: Imprensa da Universidade Federal de Goiás, 1978.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 3. ed. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1980. Coleção Documentos Goianos, 9.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha. 4. ed. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1987.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 23. ed. São Paulo: Global, 2014.

DELGADO, Andréa Ferreira. **A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias**. 2003. 498f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2003. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279866>. Acesso em: 09 jun. 2021.

DENÓFRIO, Darcy França. **Vôo cego**. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1980.

DIAS, Paula Pinho. **“Representações textuais-discursivas na construção do mito de Cora Coralina”**. 2013. 248 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/14259/1/Paula%20Pinho%20Dias.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2021.

DRUMMOND, Carlos D. de Andrade. Cora Coralina, de Goiás. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 dez. 1980. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/18217. Acesso em: 09 jun. 2021.

ÉLIS, Bernardo. **O tronco**. 10 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

FREITAS, Consuelo Brito de. **El discurso poético y las condiciones de su producción**: una lectura comparada de la poesía de Rosalía de Castro y Cora Coralina. 2004. 575 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Departamento de Filologia Românica Eslava e Lingüística Geral, Universidad Complutense de Madrid, Espanha, 2004. Disponível em: <https://eprints.ucm.es/id/eprint/5342/1/T27646.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2021.

FREITAS, Oliveira. Notas sôbre “poemas dos becos de goiás e estórias mais”. **Correio Braziliense**, Brasília, 03 out. 1965. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/20411. Acesso em: 09 jun. 2021.

GOIÁS PREPARA COMEMORAÇÕES DE ANIVERSÁRIO. **Correio Braziliense**, Brasília, 18 jul. 1974. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/50218. Acesso em: 09 jun. 2021.

KATUCHA. Sociais de Brasília. **Correio Braziliense**, Brasília, 21 maio 1961. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/4095. Acesso em: 09 jun. 2021.

LIMA, Raul. História da Literatura – Poesias em J. O. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 31 out. 1965. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093718_04/52900. Acesso em: 9 jun. 2021.

LITERATURA. **Correio Braziliense**, Brasília, 23 set. 1972. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/27066. Acesso em: 09 jul. 2021.

LÓPEZ WINNE, Hernán; MALUMIÁN, Víctor. **Independientes, de qué?:** Hablan los Editores de América Latina. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 2016.

MARQUES, Oswaldino. Cora Coralina – professôra de existência. **Correio Braziliense**, Brasília, 26 jun. 1970. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/2874. Acesso em: 09 jun. 2021.

MONTEIRO, Thaise. As instituições e o processo de “canonização” de Cora Coralina. **Leitura EM Revista**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 46-64, 30 abr. 2020.

NETTO, Medeiros. Sociedade. **Correio Braziliense**, Brasília, 12 jun. 1969. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/42273. Acesso em: 09 jun. 2021.

NOTÍCIAS GOIANAS. **Correio Braziliense**, Brasília, 24 jul. 1971.
Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/13223.
Acesso em: 09 jul. 2021.

PESQUERO RAMÓN, Saturnino. **Cora Coralina**: o mito de Aninha.
Goiânia: Ed. da UFG; Ed. da UCG, 2003.

RAMOS, Hugo de Carvalho. **Tropas e boiadas**. Goiânia: Editora UFG,
2017.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SEC, Departamento Regional.
Catálogo Bibliográfico de Goiás. Goiânia: Estante do Escritor Goiano;
Imprensa da UFG, 1966.

SANTOS, Wendel. **Crítica sistemática** – Um estudo progressivo da lite-
ratura. Goiânia: Oriente, 1977.

TAHAN, Vicência Brêtas, **Cora Coragem, Cora Poesia**. São Paulo: Global
Editora, 1989.

TELES, Gilberto Mendonça. **A poesia em Goiás** (estudo / antologia).
Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1964.

TELES, Gilberto Mendonça. Mito e realidade literária em Cora Coralina,
ou a Celebração do Celebrado. **Jornal Opção**, Goiânia, 02 jul. 2018.
Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/mito-e-realidade-literaria-em-cora-coralina-ou-a-celebracao-do-celebrado-129659/>. Acesso em: 09 jun. 2021.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasi-
leiro**. 20 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

THOMPSON, John B. Campos editoriais – A cadeia editorial. *In*:
THOMPSON, John B. **Mercadores de cultura**: o mercado editorial no
século XXI; tradução Alzira Allegro. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p.
9-28.

THOMPSON, John B. O surgimento dos agentes literários. *In*:
THOMPSON, John B. **Mercadores de cultura**: o mercado editorial no
século XXI; tradução Alzira Allegro. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p.
69-111.

TÔDAS AS VIDAS. **Correio Braziliense** – Caderno Cultural,
Brasília, 17 maio 1969. Disponível em: [http://memoria.bn.br/
DocReader/028274_01/41639](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/41639). Acesso em: 09 jun. 2021.

VIEIRA, Célio Manuel. **Mundo no abandono**. Rio de Janeiro: José
Olympio, 1965.